

“Vovô Amando”

Lilian Fontes*

Wagner Lemos**

Apresentação

Amando Fontes (1899-1967) foi um sergipano nascido por acaso em São Paulo. De família sergipana que havia se estabelecido em Santos, Amando migrou para Sergipe aos cinco meses, quando seu pai, o farmacêutico Turíblio da Silveira Fontes faleceu e sua mãe, D. Rosa do Nascimento Fontes, regressou para o seio familiar na terra natal.

Amando Fontes teve o incontestado mérito de ter gravado Sergipe nas letras do Modernismo de segunda geração. Ao publicar “Os Corumbas” (1933) e “Rua do Siriri” (1937), tornou-se o precursor tanto do romance proletário quanto do regionalismo urbano na literatura brasileira. Seu olhar perspicaz focalizou não só as consequências do êxodo rural e o desequilíbrio causado nas cidades, mas também do homem camponês desprovido de seu espaço de origem a tentar, sem sucesso, adaptar-se ao ambiente urbano. Ressaltamos que sua prosa na perspectiva é daquele que sempre foi privado de certos benefícios, o trabalhador. Neste caso, o proletário de Sergipe como uma metonímia para as condições do povo brasileiro.

Além da Literatura, Fontes foi representante de Sergipe na política, ocupando a cadeira de deputado federal no Rio de Janeiro, então capital do

* Doutora em Comunicação. Escritora. Ex-Professora da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

** Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP), professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE). E-mail: wagnerlemos@yahoo.com.br Instagram: @prof_wagnerlemos



país. Terminou por fixar-se definitivamente por lá. No entanto, escritor mantinha fortes os laços sergipanos, sendo, inclusive sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE). Instituição que, hoje, tem a honra de registrar nas páginas de sua Revista belíssimo texto de memórias de autoria de Lilian Fontes, neta do escritor. Ela que, recentemente, doou ao IHGSE material inédito digitalizado de seu avô, também nos presenteia com rica prosa a nos propiciar a partilha de uma esfera íntima e, sobretudo, sentimental.

Lilian Fontes é fruto que não caiu longe da árvore. Assim como seu avô, é escritora. Iniciou com a publicação do livro de contos, “Escrita Fina” (Livraria Taurus-Timbre Editora, 1991). Seguindo na carreira com os romances, “Espantalhos” (Relume- Dumará, 1994) e “Santo Dia” (Editora Record, 2002). Esta última obra foi uma das onze finalistas ao Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura e Prêmio Portugal Telecom, 2003. No ano de 2011, lançou três novas obras: o romance “De olhos bem abertos” (Editora Record), a biografia “ABC de Rachel de Queiroz” (Editora José Olympio) e “Redentor de Braços Abertos” (Réptil Editora). Conta também com participação em coletâneas de contos e publicação de artigos em revistas acadêmicas, nacionais e internacionais; além da participação em roteiros.

Doutora em Comunicação, Lilian Fontes criou e lecionou a cadeira eletiva “Ficção Televisiva”, na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Essa atuação abriu-lhe portas para seminários sobre Ficção Televisiva Brasileira, na Universidade Católica Portuguesa (Lisboa), na Universidade de Coimbra e na Universidade del País Vasco, em Bilbao, Espanha. Além de ter ministrado a palestra “The Representation of Women in Television Series”, no Seminário sobre os Estudos Avançados da Mulher, em Toronto, Canadá.

Atualmente, ministra cursos sobre escrita criativa, oficina do romance, como escrever roteiros e efetua análises em projetos culturais para várias secretarias de Cultura do Brasil, tanto na área de Literatura quanto em Audiovisual. Sua formação multidisciplinar a faz transitar com desenvoltura entre a Filosofia, Roteiro e Literatura.

Suas atividades podem ser acompanhadas em seu web site <https://www.lilianfontes.com.br> e em sua rede social @lilianfontes-moreira (Instagram).

Agora, com o texto seguir, acompanhamos a intimidade de Amando Fontes em sua prosa fluída e já registramos nossos agradecimentos à autora pela preciosa partilha.

Vovô Amando Fontes

Nasci em 1958. Como de costume na religião católica, fui batizada na pia batismal da igreja, no colo de minha madrinha, tia Lolita Fontes, sob o olhar de meu padrinho, meu avô Amando Fontes.

Casado com vovó Corália com quem teve seis filhos, na época do meu nascimento, o casal já tinha doze netos. Moravam numa casa no bairro da Urca, no Rio de Janeiro, para onde se mudaram na década de 1940. “Que vista! Tudo era uma maravilha. Compramos o terreno por quarenta e cinco contos, na rua Almirante Gomes Pereira, pertinho do mar”, como conta vovó no seu diário.

Essa casa foi referência para mim até a morte de minha avó em 1988. Todo domingo com meus pais e irmãos – foram cinco filhos – íamos visitar vovó e vovô. Algumas vezes, encontrávamos meu avô em seu escritório que ficava no fundo da casa, em cima da garagem, onde ele se isolava para escrever. Mas quando tinha a visita de netos, abria mão de seus rituais para dar a atenção às crianças que tanto adorava.



Acho - com total sinceridade - que das funções que mais gostou na vida, foi a de ser avô. Comprou uma casa em Teresópolis, construiu um segundo andar para poder acomodar tantos filhos e netos, colocou balanços no fim do terreno e um pequeno tanque que servira de piscina, já que essa só seria feita anos depois quando vovô conseguiu comprar o terreno dos fundos (em 1964) e construir uma enorme, com o complemento da pequena para os menores.

Quando eu nasci, a casa de Teresópolis já existia e vovô nos levava no fim de semana para tomar banho na piscina da Chácara de José Olympio, seu editor e grande amigo.

Lá, quando eu tinha dois anos, tios e vovô jogavam bola na piscina e não viram quando pulei da piscina pequena para a piscina grande e comecei a me afogar. Fui salva pela minha madrinha, Tia Lolita já que minha mãe estava grávida de oito meses. Ela conta que ficou furiosa por eles não estarem atentos às crianças. Devo a ela eu estar aqui escrevendo essas linhas

Eu tive o privilégio de passar os verões de minha infância nesta casa com primas e primos, na maior farra.



Como era de costume, os pais desciam para trabalhar no Rio durante a semana e subiam na sexta. Nós ficávamos direto lá com as mães.

Toda sexta-feira, nós crianças planejávamos uma recepção para o vovô Amando. Ficávamos no portão da casa esperando-o com pétalas de flores colhidas no jardim, para **jogar nele** quando adentrasse. Ele ficava todo bobo, apesar de saber que iria encontrar seu jardim desfalcado. Depois, encenávamos uma peça de Maria Clara Machado. Ele assistia com atenção, batia palmas alegres e vinha felicitar cada um dos atores.

E vinha a hora de assistir na *TV Tupi*, o noticiário *Repórter Esso*. Nesse momento, nós, as crianças, sabíamos que, se quiséssemos ficar na sala, tínhamos de manter absoluto silêncio.

As manhãs de sábado em Teresópolis tinham um ritual: nos ar-
rumávamos – eram umas treze crianças – e vovô nos levava para
caminhar pelas ruas da cidade. Parávamos em lojas de bichos, e
bastava algum pedir algo, que vovô Amando comprava para todos.
Houve a criação de pintos, onde amarrávamos uma linha de cor
para diferenciá-los. Íamos à praça, tirávamos foto no lambe-lambe
e terminávamos o passeio na sorveteria *Itálica*.

Ao voltarmos para casa, era hora de deixar o vovô sozinho na
varanda onde tinha sua máquina de escrever. Era uma varanda envi-
draçada e de fora eu via ele sério, trabalhando. Houve um episódio,
eu já deveria ter uns nove anos, quando o cachorro pastor alemão
da casa, adquirido pelo vovô como um importante guardião, correu
atrás de mim. Eu com medo que me atacasse, bati na porta de vidro
da varanda e vovô que estava à máquina de escrever, se levantou
num pulo para abri-la e me acudir. Bastou isso, para ele concluir que
aquele cachorro não poderia ficar numa casa com tantas crianças.

As refeições dos adultos eram na sala de jantar onde vovô sen-
tava-se à cabeceira. É uma imagem forte na lembrança.

À tarde, havia um jogo de cartas na varanda com a participação
de tios e tias, meus pais, e Manuel Bandeira que costumava passar
dias em Teresópolis vindo sempre visitar.

Suas poesias já eram lidas e decoradas. O poema *Trem de Fer-
ro* eu decorei e gostava de recitá-lo para o poeta, alimentada pelo
rosto sorridente do vovô. Sabia que essa minha atuação estaria ale-
gando-os.



Manuel Bandeira tornara-se íntimo da casa. Às vezes, ia almoçar com sua mulher Lourdes. Numa dessas ocasiões, eu, nos meus oito anos, tive um mal-estar e foram verificar que eu não havia comido nada, estava em jejum desde que acordei. Me deitaram na cama de vovô – um quarto no andar térreo – e Manuel Bandeira puxou a cadeira, sentou-se e me deu uma bronca, dizendo que eu não podia ficar sem comer, o corpo precisava de alimento etc., etc.

Era um sujeito afável, sorriso grande, e eu tinha por ele um apreço diferente, o achava uma pessoa especial por escrever poesia. Então, desde criança, me veio a ideia de que os escritores não eram pessoas comuns.

Eram três as filhas de vovô. Tia Nilza, minha mãe Margot, e tia Naná. Todas de olhos claros como minha avó, com uns olhos muito azuis. E foi para mamãe que Manuel Bandeira fez um singelo poema, que nomeou de *Olhos Verdes*, feito ali, na varanda da casa de Teresópolis, datado de 1966.

Quando vovô morreu eu estava com 10 anos. Ele teve um ataque do coração dormindo, aos 67 anos. Não me levaram ao enterro.

Sua morte foi um impacto. Ele havia sabido que meu tio Olavo Fontes, seu filho mais velho, médico, estava com câncer no pulmão e não teria mais de que seis meses de vida. Vovô ficou muito abalado. Tio Olavo veio a falecer cinco meses depois.

Vovó Corália se manteve forte apesar de ter sofrido a perda do marido e de um filho. Continuou vivendo em sua casa da Urca sozinha acompanhada por seus instrumentos de música – tocava mais de cinco de ouvido, com prevalência do violão, de seus livros (era embalada pela poesia) e com suas orações (era católica praticamente). Nordestina, possuía nas suas entranhas a capacidade de olhar a vida de maneira otimista e alegre. Não a víamos reclamar. Dispunha de um diário iniciado em 1940, onde relatava seus prazeres e sofrimentos. Após a morte de Tio Olavo, ela escreveu um poema lindo.

Os anos seguintes foram muito difíceis passar as férias na casa de Teresópolis, tamanha a saudade. A obra da grande piscina tão



desejada pelo vovô, terminou, sem que ele conhecesse. E nós, netos, usufruímos deste presente que ele deixou para os tão queridos netos até a venda da casa.

Aos onze anos ganhei de presente de Vovó Corália uma edição com encadernação em couro, intitulada DOIS ROMANCES – OS CORUMBAS E A RUA DO SIRIRI, edição da José Olympio, com capa e desenhos de POTY, e com a dedicatória, datada de 25 de dezembro de 1969:

À adorada Lilian Moreira,
(meu todo é Lilian Fontes Moreira)
*Uma lembrança afetuosa do vovô Amando,
oferece vovó Corália.*
Fiquei muito comovida e comecei a leitura.
Levei um susto!

A imagem daquele avô sentado na cabeceira da mesa, vivendo numa boa casa na Urca, tendo uma vida confortável, escreve sobre a vida dos retirantes do Nordeste, do operariado, da vida precária, da pobreza. Eu, muito menina, mas leitora voraz de Monteiro Lobato, Jose Mauro de Vasconcelos, me comovia com a vida sofrida dos personagens. A cada página, a cada diálogo me vinha a imagem de vovô. De onde saíra aquele universo?

E quando tive nas mãos *A Rua do Siriri*, a surpresa foi ainda maior. O livro conta a vida das prostitutas de Aracaju, os motivos que as levaram a seguir esse caminho. Suas angústias, paixões e sofrimentos. Eu sabia que as prostitutas eram mulheres que ganhavam a vida vendendo seu sexo, portanto, eu seguia o padrão de entendê-las como pessoas promíscuas. Então, o livro me abriu para outra visão, a visão humana destas mulheres. Mas como? Escrito pelo meu avô? Como assim? Será que ele conheceu essas mulheres?

Lógico, que por ser ainda tão nova, era natural eu confundir a obra do autor com sua vida pessoal e no caso, o autor era, simplesmente, o meu avô, aquele que me levava pelas ruas de Teresópolis, que prezava a sua família acima de tudo, meu padrinho que me dava bons presentes nas datas comemorativas.

Minhas indagações, já que ele não poderia me responder, só vieram a ser esclarecidas ao longo da vida, e, certamente, foi o que me levou à paixão pela literatura.

Não se sabe bem como se dá a vida de uma pessoa, porque as coisas acontecem. A filosofia e outros saberes tentam explicar o livre-arbítrio, as nossas escolhas. No meu caso, não sei se o que me veio foi força do acaso, das minhas escolhas ou se a mão deste meu querido avô me levou a conhecer escritores e a me inclinar a ser escritora.

O fato é que desde que ele partiu, minha vida foi se direcionando para a literatura. Logo no primário, formei amizade com a neta de José Olympio, Lucila Teixeira Soares. Passávamos férias na sua chácara de Teresópolis, seu avô chegando com livros, alimentando nossas tardes deitadas na rede lendo, lendo, lendo.

Com treze anos, através de outra amizade, conheci Rubem Fonseca, me levando a ler seus contos e com quinze, comecei um namoro com seu filho Zeca que durou até os 21. Esse convívio, firmou uma amizade com este brilhante autor brasileiro que se estendeu até a sua morte em 2020.

Ao ingressar na faculdade, depois de muitas dúvidas quanto a cursar Letras, a escolha foi pela faculdade de Arquitetura. E por mais uma coincidência, tive como colegas o Lúcio, filho de Autran Dourado, Valéria Veras, neta de José Lins do Rego. Enfim, livros, escritores, foram me direcionando. Continuei minha afeição pela literatura nos seus diversos gêneros e quando terminei o curso, me impus escrever um livro de contos e me dedicar à leitura dos clássicos.

Lancei em 1991, *Escrita fina*, contos. A recepção foi boa, me estimulando a seguir este caminho. E assim, fui equilibrando a profissão de arquiteta com a de escritora. Fiz mestrado e doutorado em *Comunicação e Cultura*, na UFRJ, com olhar sobre a escrita nos tempos de novas tecnologias. Deste modo, li muitos ensaios, críticos literários, me emocionando com referências ao trabalho de vovô. No livro de Joel Rufino - tive a honra de tê-lo como meu professor - intitulado *Épuras do Social, como podem os intelectuais trabalhar para os pobres*, Global Editora, defende que “A literatura é a única

